

HISTÓRIAS DA IVANILDE NO ALTO RIO JURUÁ*

MARIANA PANTOJA FRANCO**

Resumo

O artigo pretende-se uma narrativa dialógica entre uma jovem seringueira e moradora da Reserva Extrativista do Alto Juruá, de nome Ivanilde Gomes de Souza, e a autora, antropóloga por formação. O material a partir do qual o texto é construído são diários escritos por Ivanilde a partir de 1994. A autora opta então por um diálogo em duas frentes: num primeiro momento, os diários de Ivanilde como um canal de acesso à vida social no interior das florestas do Alto Rio Juruá. Em seguida, a atenção volta-se para depoimentos intimistas, que revelam circunstâncias e emoções vivenciadas por Ivanilde e as interpretações que ela vai construindo para o sentido de sua vida.

Palavras-chave: História de Vida, História Oral, Narrativa, Extrativismo, Juventude, Amazônia.

* Este artigo foi recebido para publicação em julho de 1997.

** Doutoranda em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas e bolsista da FAPESP.

Histórias da Ivanilde...

Agora eu vou contar minha vida, como o meu saber está me servindo. Veio uma mulher do Rio de Janeiro e ela era pesquisadora, o nome dela é Mariana, e ela veio nos visitar duas vezes na nossa casa. Na outra vez que ela veio, ela falou comigo para eu escrever história e eu comecei fazer história, eu não tinha nem muito jeito de fazer história, não sabia como começar e eu fui escrevendo história. E quando aconteciam coisas, para mim não dava certo para escrever, para mim era uma coisa que não dava valor. Agora eu já me acostumei a entender como é, e eu tinha escrito dez histórias e Mariana e o seu Mauro Almeida vieram na foz do Machadinho, e ela mandou dizer para eu ir lá e eu fui com muito medo deles dizerem que não prestava, eu imaginava deles dizer. Mas quando eu cheguei lá eles ficaram alegres porque queriam muito ver e ler minha história, e eles acharam muito importante as histórias. (março, 1995)

Este artigo pretende-se uma narrativa sobre a colaboração entre uma jovem seringueira¹, de nome Ivanilde Gomes de Sousa, e uma antropóloga, no caso eu mesma, num trabalho de investigação sobre a vida social no interior dos seringais da Reserva Extrativista do Alto Juruá.² O primeiro passo, de acordo com minhas lembranças, foi da mãe de Ivanilde, que, em 1994, numa das vezes em que passava por sua

¹ Vide sentido de palavras e termos locais no glossário ao final do texto.

² Este esforço de investigação está contextualizado dentro dos marcos do Projeto de Pesquisa e Monitoramento da Reserva Extrativista do Alto Juruá, iniciado em 1993 mediante convênio firmado entre a Unicamp, a USP, o Ibama e a Asareaj (Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá), do qual vêm participando pesquisadores de diversos campos disciplinares. Pela Unicamp, coordenaram o Projeto os professores Mauro W. 8. de Almeida e Keith Brown.

Histórias da Ivanilde...

Desde 1993, quando visitei pela primeira vez a casa dos pais de Ivanilde - Zé de Luna e Cecília - tomei aquele lugar uma de minhas referências e paradas obrigatórias quando em viagem pelo alto rio Tejo. Sempre fui bem recebida, acolhida e alimentada. Aquela colocação no interior do paraná do Machadinho, igarapé estreito, abarrancado e cheio de curvas, lugar de fartura, a casa bem construída e zelada, e a família tão numerosamente feminina sempre me chamaram atenção para o quão frágil era a imagem de uma vida precária no interior da floresta.

Tinha também minha atenção despertada pelo fato de ser uma casa onde as mulheres eram a presença preponderante: Cecília e suas sete filhas se ocupavam cotidianamente de tarefas femininas e também de masculinas, como o corte de seringa. Zé de Luna era também comerciante, o que o obrigava a viagens constantes.

Mariana, venha aqui em casa como sem falta. Quando você vier eu já tenho feito as histórias todinhas. Mariana quando você vier eu quero que você tire um retrato de mim (...) Mariana eu tenho muita vontade de ser uma pesquisadora. Mariana eu estou com muita vontade de lhe ver, amiga. Eu tenho vontade de arrumar um emprego porque eu sou uma pessoa que trabalha muito em roçado e eu tenho muita vontade de deixar de trabalhar [em roçado].

Nesta carta de nove de setembro, Ivanilde já me avisava sobre seus primeiros escritos. Quando nos encontramos, além de ler seu estimulante material e tirar a foto desejada, conversei sobre o significado do trabalho que ela estava realizando. Naquela época, nossa equipe de pesquisa estava empenhada em recrutar moradores da Reserva para que eles mesmos, ao

registrar sistematicamente as atividades que realizavam em suas "colocações", viessem a se tornar os futuros agentes de monitoramento de seu território.³ Ivanilde, por meu intermédio, foi uma das primeiras pessoas que vieram trabalhar conosco. Expliquei que suas narrativas muito poderiam ensinar às pessoas que vivem fora da Reserva sobre a vida de seus moradores.

Por outro lado, aquela relação não poderia ter um caráter empregatício, não havia nem mesmo recursos para pensarmos em uma "bolsa de estudos". Mas, conforme sempre argumentamos com nossos demais colaboradores, nos propúnhamos a, junto com a Associação, estruturar um programa de trabalho, acompanhamento e formação. Acertamos que o provisionamento com materiais (cadernos de escrita e de desenho, canetas, lápis, pastas) era nossa obrigação imediata. Sempre mostrei a Ivanilde a importância daquela atividade para o aperfeiçoamento de sua leitura e escrita, o que veio de encontro a um velho desejo: Ivanilde queria continuar seus estudos.

Os textos iniciais de Ivanilde versavam sobre coisas que sua avó Mundoca contava e histórias dos velhos seringueiros cearenses, como o finado Pedro Lira. Vejamos uma delas, passada quando seus tios Irineu e Bibom eram ainda meninos.

Mundoca um dia foi juntar paú [adubo] de pau e levou três meninos: Irineu, Lurdes e Bibom. Quando ela estava ajuntando o paú escutou uma zoadá, um barulho feio mesmo. E olhou para um lado, para o outro lado e ela viu uma coisa andando, não via

³ Como objetivo geral, o Projeto propunha-se investigar e testar a hipótese do manejo e gerenciamento de áreas de conservação pelas próprias populações nelas residentes. Esta idéia estava acompanhada pela sugestão de que a aplicação de indicadores de monitoramento, ou seja, de registro e acompanhamento do comportamento ambiental e sócio-econômico da Reserva, deveria apoiar-se em uma metodologia participativa.

Histórias da Ivanilde...

cabeça, não via perna. E ela disse "meus filhos fiquem aqui mesmo nesta sacupemba deste pau", e eles ficaram lá e ela disse "não venha bicho que eu lhe mato". E quando o bicho chegou perto, que escutou a voz que ía matá-lo, e era o Pedro Lira que estava dentro de um saco e a Mundoca pensava que era um bicho, mas era o Pedro Lira que fez medo a Mundoca para ver se ela tinha medo. (dezembro, 1994)

Posteriormente, seu pai sugeriu que ela deveria escrever sobre o que ocorria diariamente na colocação. A idéia era boa, pois forneceria um retrato interno do cotidiano da colocação, e assim acertamos. Combinamos apenas que o olhar e critério de Ivanilde seriam os responsáveis pela eleição do que contar em seus escritos diários. Quando ela, numa das vezes em que estivemos juntas neste final de 1994, disse-me que encontrava dificuldades para decidir sobre o que escrever, listei em seu caderno temas e idéias possíveis, como clima e tempo, comércio e mercadorias, atividades no roçado, na mata e nos igarapés, passeios e visitas, doenças e curas, ou ainda "o que você fez no domingo?" .

Antes de começarmos nossa leitura, contudo, gostaria ainda de fazer mais algumas observações. Ao reler o material de Ivanilde deparei-me, em primeiro lugar, com a dificuldade da seleção. Percebi que aquelas narrativas permitiam usos diversos; havia muitas coisas para se falar sobre elas e a partir delas. Escolhi então realizar dois breves experimentos: num primeiro momento explorar um pouco o quanto aqueles pequenos textos podem ser incrivelmente reveladores sobre a vida no seringal. Para tal, procuro dialogar com Ivanilde, e o leitor, trazendo outras informações que contextualizam o que está sendo dito.

Num segundo momento, acompanho uma tendência que começa a aparecer progressivamente nos textos de Ivanilde, que é a de falar de si mesma. Alguns escritos tomam-se intimistas, e ela fala mais subjetivamente de sua vida no seringal: os desejos e esperanças, as tristezas e saudades. Este segundo momento está, neste artigo, representado por seus pensamentos sobre sua trajetória no ABC da leitura e da escrita, e por suas confissões de uma decisão da qual cedo se arrepende.

Finalmente, esclareço que esta é uma experiência de autoria, e está balizada por uma busca de formas textuais de maior diálogo interno. Para escrever este artigo, vivenciei o desafio de apresentar Ivanilde e com ela dialogar num mesmo espaço textual. A versão final não chegou ao seu conhecimento, mas em janeiro deste ano já havíamos conversado sobre a proposta do artigo. Na transcrição de seus textos, as alterações que fiz restringiram-se a correções ortográficas e de pontuação, em geral acrescentando vírgulas. Em alguns poucos casos, fazendo uso das reticências entre parêntesis, não transcrevi inteiramente o texto, sempre com o cuidado de não alterar sentidos. Acrescento ainda que permiti-me grande liberdade no uso de palavras e conceitos, economizei notas de rodapé, eliminei referências bibliográficas e recorri a um glossário para auxiliar o leitor.

Primeiras histórias

As primeiras histórias de Ivanilde referem-se ao período entre setembro de 1994 e julho do ano seguinte, totalizando o número de 343. Deste farto material, selecionei algumas que nos introduzam ao universo doméstico da colocação onde vivia na época, de nome Santa Cruz, mapeando afazeres, diversões, eventos, dificuldades e personagens. Sua mãe e as irmãs Devanilde (14 anos), Devanilza (12), Dalvanilza (11) e

Histórias da Ivanilde...

Clevanilza (10) são personagens freqüentes do seu cotidiano. Seu pai, o único irmão, de nome José (7 anos), e as pequenas Silvanilza (5) e Silvani (4) aparecem mais periféricamente.

Ao falar das atividades do dia, Ivanilde nos informa, por exemplo, sobre preferências alimentares da família, que incluem as verduras da horta.

Hoje Deva [Devanilza] e Cleva [Clevanilza] foram limpar a horta. Na horta há muitas verduras: couve, alface, cebola, alho, pimenta, feijão de corda, maxixe e tomate. Elas limpam a horta bem limpa e quando terminam vem embora. (dezembro, 1994)
Preta [Devanilde] foi tirar o leite da vaca e a vaca deu um coice e derramou o leite. Mas a sorte da Preta foi que o coice não bateu nela, mas Preta foi feliz! A vaca é muito brava, só tira o leite dela se amarrar o pé dela e a vaca se chama Melindra. (janeiro, 1995)

Noutra ocasião, foi o recurso aos diversificados roçados que cultivam que impediu que a família "não tivesse o que comer".

Hoje não tem carne para a gente comer, tem só banana e mandioca, e minha mãe foi a roça e trouxe umas batatas de mandioca e garapa de cana para nós comer. (fevereiro, 1995)

Ora, o que é considerado pelo seringueiro uma dieta adequada? Outras passagens, a presença da vaca Melindra e minhas próprias anotações, revelam que naquela casa há fartura de proteína animal: o terreiro está repleto de galinhas e patos, e

ainda encontramos, no campo, gado, porcos domésticos e carneiros.

Hoje não tinha nada para comer e eu disse "mamãe, hoje nós vamos comer uma porca [de casa]". Ela disse "se não aparecer nada nós vamos comer ela". Foi tirar umas varas para fazer uma cerca e os cachorros correram atrás de uma cotia e a acuraram num oco de um pau. E minha mãe cortou o pau com o machado e matou a cotia de terçado, e nós não matamos a porca porque apareceu uma cotia. (janeiro, 1995)

De fato, a presença de carne de caça à mesa é, para o seringueiro, um indicador de qualidade de vida no item alimentação. O recurso ao terreiro, via de regra, ocorre na ausência daquela, ou em casos de doença e resguardo, quando alguns animais da mata podem "ofender" o paciente. Para os nossos padrões, na casa de Ivanilde, mesmo os piores dias nunca eram sinal de fome.

Outro ponto que chama atenção é ver Cecília como a "procuradora" da casa naquele dia, ou seja, a responsável pela caçada. Muitas outras histórias de Ivanilde revelam que este não foi um acontecimento excepcional e relativizam" o padrão mais geral de divisão sexual do trabalho. No seringal, são reconhecidas como atribuições masculinas as atividades relacionadas à esfera da produção e do abastecimento da casa, como a caça, a pesca, a extração de látex, as tarefas agrícolas mais pesadas e a compra de mercadorias. O universo feminino é o da casa, cabendo as mulheres mantê-la limpa, preparar os alimentos, cuidar dos filhos e responsabilizar-se pelas criações do terreiro. A pesca e agricultura contam também com a

Histórias da Ivanilde...

presença feminina, mas sempre usando técnicas e desempenhando tarefas consideradas mais leves.

As atividades registradas nos escritos de Ivanilde, contudo, permitem perceber que certas configurações familiares, como quando o grupo é majoritariamente feminino ou os meninos ainda muito novos, e conjunturas particulares, como a necessidade do chefe de família ausentar-se, justificam arranjos como os por ela descritos.

Após já ter escrito o parágrafo acima, encontrei a seguinte observação de Ivanilde, datada de fevereiro de 1995, onde ela, num texto mais descritivo e menos conceitual, explicita a forma como os trabalhos estão distribuídos em sua casa.

Minha mãe, eu e minhas irmãs, nós cortamos seringa, brocamos mata virgem para colocar roçado, plantamos cana, plantamos roça, plantamos arroz, plantamos tabaco, plantamos milho, limpamos roçado, tiramos lenha, -fazemos farinha - arranca mandioca, descasca, seva, coloca na prensa, torra farinha - , brocamos campo. E também mariscar, caçar, todos trabalhos nós fazemos, e meu pai não vive em casa. E minha mãe tem sete filhas e um filho, mas o filho dela é pequeno e ainda não trabalha como nós, ainda não tem oito anos. O trabalho que ele faz é mariscar e caçar com cachorro na beira do igarapé.



Histórias da Ivanilde...

Assim, encontramos em seus escritos relatos onde os trabalhos estão previsivelmente distribuídos, como o dia que...

... amanheceu lindo, depois a chuva caiu. Cecília veio do roçado, Preta tira as roupas que estão no sol, papai corre na estrada e vai colher as seringas que ele cortou. (janeiro, 1995)

Em fevereiro, por outro lado, encontramos a seguinte narrativa sobre um domingo, dia em que o costume recomenda não caçar:

Hoje é domingo. Papai está para Cruzeiro [do Sul] e não tinha nada para nós comer. Mamãe disse "vamos mariscar [pescar]", e eu e a Dalva dissemos "então vamos". Nós saímos para mariscar eram oito e meia da manhã, e nós fomos mariscar num igarapé chamado Igarapé do Oito, e antes de nós chegarmos lá nós vimos um rastro de uma onça que tinha passado bem de manhãzinha. Mamãe já ficou com medo e ela disse "Ivanilde, nós voltamos ou não?". Eu disse "nós já viemos até aqui, vamos para frente". E tinha os rastros dos porcos do mato bem perto do rastro da onça. Os porcos tinham passado naquele instante, e um cachorro que andava mais nós correu atrás de um porco. Correu, correu e acuou. Mal nós escutávamos o latido dele e nós saímos atrás do cachorro e andamos, andamos (...) Mamãe pensava que era a onça e quando nós chegamos lá era um porco, estava dentro de um balseiro. O cachorro latiu "au, au, au", e o porco era batendo o queixo "teco, teco, teco", e quando o porco viu a mamãe, correu mais e acuou-se mais na frente. E

mamãe correu e ela matou o porco, deu um tiro mesmo no toco da orelha. E mamãe trouxe até a metade da viagem e eu trouxe até em casa, e pesou 11 quilos. Quem tirou o couro do porco foi a Preta. E não deu para nós mariscar porque já estávamos muito cansadas. Mas a mamãe antes de ver o porco ela estava com medo de ser uma onça! Quando nós viemos chegar em casa era uma e trinta da tarde. Nós chegamos, almoçamos e quando terminamos de almoçar fomos buscar o nosso gado que estava lá para a casa do tio Tião, e chegamos quase à noite.

Ao terminar esta leitura, não pude evitar de pensar no quanto se trabalha no interior das matas. A preguiça, mesmo num dia santo como o domingo, tem pouca chance de se manifestar. Na verdade, observações de campo não só minhas permitem refletir sobre como uma vida confortável na floresta está sempre associada a muito trabalho. E as mulheres da colocação Santa Cruz trabalham!

Hoje mamãe foi cortar seringa mais a Preta e eu passei o pano na casa, varri e lavei a louça, e a Freani [uma prima] e Dalva foram tirar lenha para queimar no fogão. E depois a Freani foi pegar água para encher o tambor e a Dalva foi limpar o depósito mais a Cleva, e quando terminamos fomos almoçar carne de paca. E depois as meninas ficaram em casa e eu mais a Freani fomos limpar a casa de farinha que estava suja. (janeiro, 1995)

Ocasões de trabalho podem ser também convertidas em momentos de diversão, como o prazer de encontrar frutos da

Histórias da Ivanilde...

mata e com eles se deliciar, conforme ocorreu num dia de fevereiro de 1995:

Cecília, Ivanilde e José foram cortar seringa. Tiramos pouco leite. Eu mais o José tiramos muito marajá para nós chupar, nós vimos frutas na mata e comemos cajá, sapota, marajá, gogó de guariba, ata e fechamos o corte na estrada. Nós tiramos cinco frascos de leite.

Há outras narrativas da nossa jovem escritora que relatam brincadeiras entre seus irmãos menores, como a vez em que José e eleva combinaram uma briga com hora marcada:

José e Cleva queriam ser valentes. Um dia José disse para Cleva "amanhã nós vamos dar uma brigada", e Cleva respondeu "pois não tem importância, amanhã nós vamos dar uma brigada muito cedinho". E no outro dia Cleva disse para José "está na hora", e começaram a brigar. Mas José queria ser o mais valente, e quando foi no fim José apanhou para Cleva. A brigada era no murro e jogando o outro no chão. E eleva ficou muito alegre porque açoitou José, e José ficou triste porque apanhou de Cleva. (dezembro, 1994)

As moças e meninas da casa também têm suas diversões. Na narrativa a seguir encontramos as irmãs decorando a casa com enfeites artesanais. Invariavelmente, ao entrar em uma casa de seringueiro, as paredes de paxiúba estarão forradas com papéis vários, desde jornais e revistas antigas, a folhas de livros didáticos e desenhos.

Ivanilde, Preta, Deva e Dalva vão enfeitar a casa. Ivanilde faz bandeirinhas, Preta faz os balões, Deva prega papel nas paredes e Dalva desenha colorido. Silva [Silvanilza] chega e diz "como vocês sabem fazer essas coisas tão bonitas e tão lindas assim?", e nós respondemos para ela "nossa professora ensina fazer muitas coisas maravilhosas". (dezembro, 1994)

Também existem as ocasiões mais ritualizadas, como as festas, que podem reunir não só vizinhos, mas também rapazes e moças de seringais vizinhos. As festas são momentos de rever amigos, conversar, conhecer pessoas e arranjar namoros. A música para dançar é costumeiramente providenciada ou pelo dono de um gravador à pilha, ou pelos violeiros e cantadores locais. Se a sorte permitir, um sanfoneiro morará por perto. A presença de bebidas alcoólicas não é uma regra, pois depende de poder aquisitivo para comprar ou mesmo existir à venda nas proximidades. Não é incomum uma festa acabar em briga quando há álcool. Assim ocorreu na festa que um tio de Ivanilde promoveu, em fevereiro de 1995, na colocação Santo Antonio, na qual dois parentes quiseram arengar.

Tio Sérgio fez uma festa na casa dele, mas a festa não foi muito boa porque quiseram brigar. Era o tio com o sobrinho, o tio Bastião é tio do meu tio Bibom, e o tio Bibom é irmão do meu pai. O tio Bastião queria brigar com o tio Bibom porque ele estava com falta de respeito com a filha dele, e ele [Bastião] não gostou. Chamou o Bibom para baixo e deu duas mãozadas nele, mas ele [Bibom] não fez nada com Bastião e não deixaram eles brigar. O povo fala que se não tivesse empatado a briga deles, eles tinham brigado muito. Mas se não fosse a briga

Histórias da Ivanilde...

a festa tinha sido boa. Dançaram de sete horas da noite até 11 horas do dia, e tinham muitas pessoas e teve comida de galinha e arroz.

Há ainda as festas promovidas por algumas pessoas ou famílias em dias comemorativos de santos, homenageando o patrono do dia, em geral por algum pedido alcançado. Os convidados chegam a andar vários dias para comparecer. Há fartura de comida e de reza. Algumas festas são famosas, como a promovida anualmente por dona Nazaré, avó de Ivanilde e moradora do alto rio Bagé, cujos preparativos começam dias antes.

Tia Maria José, Maria e Agaíde foram pelar arroz. Pelaram cinco quilos de arroz para fazer o almoço das pessoas dia quatro [de outubro], vai ter muitas pessoas na casa da vovó dia quatro, vai ser muito legal neste dia. (01/1 0/95)

Hoje Nazaré e Agamedina foram fazer os bolos [de macaxeira], saíram nove horas e voltaram seis horas da tarde. Fizeram 30 bolos. Hoje já está chegando bastante gente, dona Nazaré está alegre porque vai juntar aquela multidão toda de gente daquela população. Acho que vai ter muitas pessoas aqui. Dona Nazaré é uma velha trabalhadeira viúva, mas todos os anos ela faz esta devoção na casa dela, é uma promessa que tem para todos os anos assim. (02/1 0/95)

Caboré, Eliodoro, Chico, Zé do Caboré, Raimundo do Quim, seu Nato, Derleu, João, Bibom e Fernando saíram para mariscar onze horas do dia e voltaram às três horas da tarde. Foram com tarrafa pequena e pegaram 22 surubim, 40 pacú, 20 mandim-pintado,

30 sardinha, quatro pilão, um braço-de-moça, seis traíras, oito bode-cachoeiro, 12 pacú-branco, oito piau, quatro cachorra e três madalena. Peso total foi 103 quilos, estes peixes foram divididos seis quilos para [cada] mariscador e o resto foi rancho para o povo que vem festejar a festa do dia quatro de outubro. Se reúne muita gente daquela população toda para a festa de São Francisco das Chagas na casa da dona Nazaré. Já faz muitos e muitos anos que ela festeja o dia quatro com muita reza. Dona Nazaré festeja dia quatro com muita reza, e também tem muitas comidas para as pessoas: pato, galinha, porco, arroz, feijão, peixe, e também tem café, leite, bolo. (03/10/95)

Hoje é dia quatro de outubro de 1995, um dia de muita harmonia e alegria, cheio de paz. Hoje aqui na casa de dona Nazaré se encontram muitas pessoas cariú [branco] e caboclo [índio]. Hoje teve quebra-jejum, almoço, janta e muito café e bolos para as pessoas comer, tinha gente mesmo até à noite. Chegou gente aqui na casa da dona Nazaré de manhã. Rezou lá na casa do Eliodoro [filho de dona Nazaré] das 10 horas [da noite] até às 11 onze horas da noite. Na casa da dona Nazaré tanto rezava como cantava, as cantoras eram Ivanilde, Tereza, Preta, Cecília, Branca, Maria, Derleu, Antonio e Chico. (04/10/95)

Hoje as pessoas foram quase tudo embora, mas ainda ficou muitas pessoas que só vão amanhã. Hoje quase todas as pessoas estão com muito sono, com uma moleza porque foram dormir ontem muito tarde da noite. Tem gente do Juruá, Tejo, Bagé, Área Indígena [Jaminawá-Arara do Bagé], paraná do

Histórias da Ivanilde...

Machadinho, tem também até de Cruzeiro do Sul. Hoje ficou tudo desanimado lá na casa da dona Nazaré, ficou tanta coisa suja: oito panelas entimadas, as panelas em que foram feitas as comidas. (05/10/95)

Com certeza os gastos numa festa como esta não são pequenos, e dona Nazaré começa a aprovisionar mantimentos e criações já no início do ano. Dar de comer a tanta gente certamente consome parte de sua aposentadoria do Funrural, no valor de um salário mínimo mensal. Mas onde os moradores da Reserva fazem suas compras? E que artigos têm o hábito de comprar?

José de Luna está com falta de mercadorias, não tem aonde ele compre nada, ele está com falta de munição, de sal, de açúcar, óleo, café, sabão e de todos os tipos de mercadoria. José tem com o que comprar, mas não tem aonde. Quase todos os seringueiros estão com crise de mercadoria. (novembro, 1994)

Não é realmente fácil adquirir bens industrializados no interior dos seringais do Alto Juruá, principalmente com o desaquecimento comercial causado pela queda nos preços da borracha. O lugar preferencial de compra de mercadorias é Cruzeiro do Sul, onde os preços são mais baixos se comparados aos praticados pelos que vivem do comércio nos seringais, marreteiros ou regatões. Zé de Luna, em novembro de 1994, mesmo estando no ramo, não dispunha mais de mercadorias para seu próprio abastecimento, e encontrava dificuldades em comprar nas imediações.

Meu pai foi para Cruzeiro [do Sul]. Levou 772 quilos de borracha, levou oito porcos para vender e levou tabaco para vender. Ele foi consertar o motor e comprar mercadorias em Cruzeiro, e ele foi mais o Pedro Paiva. (dezembro, 1994)

Pagando sua passagem e provavelmente o transporte dos produtos que levava para a cidade, Zé de Luna viajou no barco de um regatão local, Pedro Paiva, com o objetivo central de comprar mercadorias para casa e para vender aos seringueiros do Machadinho. Com efeito, Zé atingiu seu objetivo. Em janeiro de 1995, já vamos encontrá-lo preparando-se para outra viagem a Cruzeiro do Sul, novamente com Pedro Paiva.

Manuel vai para Cruzeiro do Sul mais meu pai e a tia Tanga na embarcação do marreteiro Pedro Paiva. (...) Minha tia Tanga vai para Cruzeiro fazer a procuração da aposentadoria dela, e ela está com vontade de deixar recebendo o dinheiro um tio dela que mora lá em Cruzeiro. E Manuel vai comprar mercadoria em Cruzeiro porque não tem mercadoria aqui no seringal, não tem nada para o seringueiro comprar, e meu pai chegou de Cruzeiro e trouxe umas coisas para os seringueiros comprar. Trouxe: sabão, sal, chumbo, pólvora, espoleta Tupam, espoleta 50, café, açúcar, óleo [de soja], combustol [óleo diesel], gasolina, e ele vendeu para os seringueiros e agora ele vai para Cruzeiro comprar mais mercadorias.

Podemos pensar que a economia de uma colocação é composta por frutos diretos do trabalho, como os do roçado, da caça e do marisco, e de artigos que vem de fora, adquiridos com

Histórias da Ivanilde...

a venda dos produtos que alcançam melhores preços no mercado regional, como é o caso, no alto rio Juruá, do tabaco, feijão e porcos, além, é claro, da borracha. Mas há ainda uma outra fonte de trocas, que são as redes de vizinhança.

Cecília e Preta foram apanhar arroz lá no Lindomar [colocação Bananal]. Foram apanhar arroz para nós comer porque nós não plantamos arroz, e elas foram ajudar para ganhar arroz. Cecília e Preta chegaram tarde. Tia Maria deu um quilo de carne para minha mãe Cecília e a Argentina deu também um quilo de carne para minha mãe. A carne era de porco do mato. (janeiro, 1995)

Lindomar é um vizinho, sua casa fica, "em passo de seringueiro", a uma hora da colocação Santa Cruz. É muito comum entre vizinhos, parentes e/ou compadres a troca do dia de trabalho na colheita por uma quantidade pré-estabelecida do que foi colhido, arroz no caso acima. Mas vemos também que na volta para casa, ao passar na casa da irmã de Zé de Luna, ela lhes deu uma pequena quantidade de carne de caça, no que foi seguida pela outra moradora da colocação Santo Antonio, Argentina, irmã de Lindomar. Esta é a chamada "vizinhança".

Zé de Luna foi caçar a curso e viu três veados, matou um e dois foram embora. O veado estava gordo e grande, e pesou 30 quilos. Zé de Luna gastou três horas para caçar e chegou em casa com o veado, tirou o couro, partiu, tirou o fato, cortou, retalhou a carne e fez batido de fígado e carne. Ele e a mamãe que trataram a carne do veado. Zé de Luna mandou um quarto de veado para o tio Tião e a tia Tanga. (fevereiro, 1995)

No seringal é norma encontrar cada casa com seu grupo de vizinhança, com o qual estabelecerá trocas periódicas de carne de caça ou peixe. Esta relação de reciprocidade em geral

envolverá parentes próximos, como os irmãos Zé, Tião e Tanga, ou rituais, como os compadres e as comadres. Quando as relações são de muita proximidade, como mãe e filha, mesmo uma galinha morta no terreiro, ou ainda um pedaço da tapioca feita na última farinhada, poderá ser vizinhada. A vizinhança é também uma forma de solidariedade, pois nem sempre um caçador "é feliz" em sua caçada, ao contrário de seu vizinho, que naquele dia pode ter tido muita sorte. Quando Zé de Luna viaja para Cruzeiro do Sul, a carne que vai alimentar a família é também fornecida pelos parceiros de vizinhança.

Hoje amanheceu chovendo. Quando foi nove e trinta chegou o tio Tião de baixo de chuva, ele veio deixar uns pedaços de carne de porco do mato para nós. E meu pai não está em casa e ele veio deixar a carne, é carne de porco do mato que ele matou à curso. E ele chegou com muito frio, e quando a chuva passou ele foi embora para a casa dele. (abril, 1995)

O desejo do saber

No ano de 1995, encontrei textos de Ivanilde em que ela conta como se alfabetizou e a importância que este feito tem em sua vida. De fato, o desejo de estudar mais, repetidamente exposto por ela, foi tema de várias de nossas conversas. Sua mãe Cecília, que ela conta ter sido a grande responsável pelo que aprendeu, sempre estimulou Ivanilde na escrita de suas histórias, acompanhando-a quando ela vinha ao meu encontro fora de sua casa. Surpreendente a eficácia que, olhando para o passado, Ivanilde hoje atribui à forma como sua mãe insistia para que estudasse.

Histórias da Ivanilde...

Quando nós morávamos na colocação Porto Alegre não tinha escola e eu não sabia ler. Minha mãe ía me ensinar o ABC e eu não queria aprender a ler, mas também minha mãe começava a brigar comigo e eu ficava com raiva, toda noite era a mesma coisa. Tinha noite que minha mãe me batia e eu começava a chorar e ía dormir, e na outra noite era a mesma coisa. Até que eu fui crescendo mais e fui ficando com mais medo de minha mãe me bater, e minha mãe sempre dizia: "É muito feio se criar uma pessoa sem saber fazer ao menos o nome dela", e eu nem ligava. Para mim o que ela dizia não era nada. Hoje em dia eu devo um grande favor, que se minha mãe não tivesse brigado muito comigo e não tivesse me batido eu não sabia de nada. Eu era mesmo como uma prima minha, ela já estudou mais do que eu e não sabe nem fazer o nome dela, mas é porque a mãe dela não briga com ela e ela nem liga para aprender. (fevereiro, 1995)

Em março ela voltou ao tema, dando mais detalhes sobre sua resistência aos livros, e mais uma vez fazendo um balanço positivo sobre o resultado de seu aprendizado

Quando eu comecei meu estudo, era minha mãe que me ensinava em casa mesmo, ela comprava carta de ABC para mim e eu rasgava. Quando minha mãe ía para Cruzeiro [do Sul], outra vez ela comprava mais carta de ABC, e também comprava lápis, livro e caderno. E neste tempo meu pai tinha muitas condições e ía de três vezes por ano para Cruzeiro, e tinha vez que minha mãe ía e trazia. Quando minha mãe começou a me ensinar eu tinha cinco anos, mas

todas as coisas de escola que minha mãe trazia para me ensinar em cima [na hora] eu acabava. (...) Eu rasgava mas era porque eu não tinha pensar. Hoje em dia eu vivo muito satisfeita porque eu aprendi um pouco e vivo satisfeita com meu saber.

O saber é sem dúvida um valor no seringal. Na Reserva, os índices gerais de analfabetismo já beiraram, em 1994, cerca de 90%. A implantação de escolas na região, intensificada a partir da eleição do primeiro prefeito do jovem município de Marechal Thaumaturgo, criado em 1992, pode estar revertendo este quadro. As escolas e professoras que contribuíram para a formação de Ivanilde, com exceção da sede do seringal Restauração, datam dos anos imediatos à criação da Reserva (1990) e foram iniciativas da Associação, dos moradores da localidade e de suas professoras autodidatas.

Depois que nós viemos embora do Porto Alegre e meu pai colocou nós para estudar com a Maria Zenaide, eu estudei cinco meses e depois eu fui estudar na Restauração com a Arlete oito meses. E depois eu estudei com a Ivaneide [sua prima] sete meses e eu aprendi até muito pelo estudo que eu tive. Eu não sei de muito não, mas serve. Eu estudei a quarta série, e meu pai não colocou eu mais para estudar. (fevereiro, 1995)

Este, à época, parece se constituir num drama em sua vida: o desejo de mais estudar não autorizado pelo pai. Ivanilde voltará a este impasse repetidas vezes, não conseguindo encontrar uma solução, mesmo tendo a mãe como aliada. Invariavelmente, este tema a leva a refletir sobre sua vida, e

Histórias da Ivanilde...

parece emergir uma inquietação interior diante da incerteza e da aspiração frustrada.

Eu tenho muita vontade de estudar, mas meu pai não deixa. Hoje minha mãe perguntou se ele deixava eu estudar e ele não deixou. Eu tenho muita vontade mesmo. Tem noite que eu me deito e começo a pensar por que é que meu pai não deixa eu estudar, mas não sei. Eu queria ser bem sabida, eu tenho vontade de deixar de trabalhar no roçado, mas não tenho meio de deixar. Eu trabalho muito mesmo, minha mãe também trabalha tanto que eu tenho pena dela. Tem dia que ela vai para o roçado, só chega seis horas da tarde, trabalha debaixo de sol e chuva para ver se nós vivemos mais bem. (fevereiro, 1995)
Ivanilde quando chega do roçado toma banho, almoça, depois deita na cama, vai escutar música e começa a pensar. "Ah, meu Deus, eu trabalho tanto e quando quero estudar meu pai não deixa. Tem dia que eu saio às seis horas da manhã, chego às seis horas da tarde. Ah, Deus, as meninas que trabalham no paraná do Machadinho somos nós". (setembro, 1995)

Como qualquer jovem, Ivanilde constrói expectativas para sua vida futura. E falar no porvir, para ela, é falar em estudar. Se a inquietação adolescente parece ser uma marca da idade, a formação escolar como meta pode ser sinal de novos tempos para a geração de Ivanilde. Esta possibilidade, nos últimos dez anos, tomou-se mais concreta para os jovens do alto rio Tejo. Os novos tempos tem trazido também novas alternativas de trabalho, como ser professora ou agente de saúde. Para essas funções, o estudo é pré-requisito. Não pode ser ainda

descartada a hipótese de que o trabalho conosco tenha proporcionado a Ivanilde maior contato com a escrita e leitura, e a estimulado a reafirmar um propósito inicial.

Os escritos do mês de maio de 1995 sensibilizam pelo drama de ver duas de suas irmãs ausentarem-se de casa, deixando saudades e - por que não ela?, pergunto eu - indo estudar noutras localidades.

Papai foi mais o Domingo deixar umas coisas e uns porcos de canoa lá no tio Sérgio para amanhã baixar para Cruzeiro do Sul. Vão de passageiros mais meu pai: Mundoca, Rosa, Gilde, Raimundo Aderaldo, Tereza, Adélia, Edelson, Maurício e também vão duas filhas do papai e um filho [de outra mãe]: o Zézinho, Preta e Dalva. Mas a Dalva vai só até Thaumaturgo, vai para estudar. Dalva vai ficar na casa do vereador Bitito.

Mamãe foi hoje deixar a Cleva lá na foz do Machadinho para ir mais a Ivaneide para a Boa Vista estudar. Agora, hoje ficou tudo ruim, saiu de casa o papai, Preta, Dalva e Cleva, ficou tudo triste. (...)

Em setembro daquele ano, comemorando um ano de escritos sistemáticos, ela registrou em terceira pessoa:

Ivanilde hoje está pensando sozinha, pensando na vida, o que já passou com ela e pensa o que ainda vai passar. Ivanilde pensa que a maior vontade dela é estudar, mas nunca seu pai deixa ela ir estudar. Quando estava pensando, pensou: "Ah, Deus, hoje eu estou fazendo um ano que trabalho na pesquisa e até hoje acho o trabalho muito legal".

Histórias da Ivanilde...

Gostaria assim de finalizar esta parte com um diálogo registrado por Ivanilde entre ela e sua prima Ivanéti. Há uma série de escritos de Ivanilde referindo-se a conversas com esta sua amiga, a grande maioria sobre paixões e namoros. Esta, porém, trata da rotina de seu trabalho, onde o prazer da escrita é uma conquista tortuosa.

Hoje, eu conversando com a Ivanéti que não tenho tempo de fazer desenho, ela perguntou:

- Por que Ivanilde?

- Porque trabalho muito, tem dia que não escrevo tendo história para escrever, e não posso passar mais de três dias sem escrever nada. Fico só decorando na cabeça o que eu tenho para escrever, quando tenho um tempo de uns 15 minutos pego o caderno e vou escrever as coisas passadas. Agora tem dia que escrevo até a noite, mas não gosto muito não.

- Por que Ivanilde?

- Ah, os mais velhos dizem que a fumaça da luz [lâmparina de querosene] faz mal para a vista da pessoa. Eu acho que a Mariana está perto de chegar e eu fiz bem poucos desenhos. Ivanéti, você não tem falta de coragem de escrever?

- Tenho sim.

- E eu também tenho muita preguiça de escrever, tem dia que me dá uma preguiça, começo a escrever, escrevo duas, três linhas, paro, passo 10, 15 minutos sem escrever. Para mim, encher uma página de caderno é um sacrifício.

- Ah, tem dia que sou assim também.

- Mas é porque a gente é assim mesmo. Olha, Ivanéti, tem dia que eu não gosto nem de passear.

Agora, tem dia que quando não tem o que eu escrever, pego a caneta e fico fazendo só besteira. -
Então vamos parar com o nosso papo. Tchau, querida.
- Tchau amor.

Confissões de uma adolescente

Refletir sobre a descoberta do amor no seringal entre jovens adolescentes, parece-me, seria uma chave para a leitura de alguns dos escritos de Ivanilde, em particular os seus diálogos com sua prima Ivanéti. Ler esses textos é como presenciar as conversas particulares entre as duas moças. No seringal, a categoria de idade "moça" designa as jovens após a primeira menstruação. Nesta fase é bastante comum que elas venham logo a encontrar um parceiro, tomando-se então "mulheres". Uma moça que custe a reunir-se a um rapaz, chegando à beira dos 20 anos ainda solteira, receberá a classificação de "moça idosa".

Ivanilde e Ivanéti, ambas com cerca de 15 anos, são moças que falam constantemente sobre namorados. No registro desses diálogos, as preferências e disputas pelos rapazes do lugar estão sempre presentes, em geral com um toque de humor. Podemos ainda vislumbrar o ambiente da conversa e certos hábitos e gostos juvenis, como tomar banho de rio juntas, dormir uma na casa da outra e escutar música. Vejamos essas duas, datadas do primeiro semestre de 1995:

- Oi, Ivanéti, como está?
- Tudo bem, Ivanilde.
- E você, como está indo com seu amor, Ivanéti?
- Ah, eu estou gostando muito dele e ele gosta muito de mim. Ivanilde?

Histórias da Ivanilde...

- Oi, Ivanéti.
- Você está gostando do Vidal?
- Claro que estou.
- Ivanilde, o Vidal é muito feio.
- Ah, se o Ó fosse bonito como o Vidal, aquele feio perna torta.
- E o Vidal, aquele espinhudo.
- Ah, se ele tivesse espinha, mas, coitado, o pobre não tem nem uma espinha.
- (...)
- Ivanilde?
- Oi, Ivanéti.
- Eu acho que você está com saudades do Vidal.
- Estou, mas não é muita não porque sábado passado ele dormiu aqui em casa.
- Foi mesmo?
- Foi sim.
- E você conversou muito com ele?
- Ah, não, eu estava com uma dor na goela [garganta], não podia nem falar.
- Ah, bem feito.
- Bem feito não, deixa de ser besta, eu fiquei foi triste.
- Mas quando é que ele vem de novo?
- Ah, ele vem logo. Ivanéti, vamos acabar o papo, vamos deixar para outra vez que nós se encontrar.
- Tá okay, pois não.
- Até logo.
- Até, querida. Tchau.
- Tchau.

Alguns dias depois...

- Bom dia, Ivanilde.
- Bom dia, Ivanéti, você vai para onde?
- Ah, vou dormir aqui com você.
- Ah, não acredito, é mesmo? Então à noite nós vamos conversar um pouco.

Ao fim do dia...

- Ivanéti, a noite está chegando, vamos tomar um banho, ou você não toma banho?
- Você é louca em pensar que eu não tomo banho. Chegamos do banho, fomos jantar, terminamos a janta, colocamos o gravador para tocar e fomos escutar música. Ivanéti falou para Ivanilde:
- Ah, vamos conversar. Eu estou com uma saudade do Ó.
- Deixa de ser besta, o Ó não lembra nem em [de] você.
- Você quem diz, Ivanilde.
- Agora, o Vidal é um querido, eu lembro nele, mas não sei se ele lembra de mim. Ivanéti, vou lhe dizer uma coisa, mas não fique com raiva de mim: você acredita que eu namoro com o Ó também?
- Ah, eu acredito que você namore com ele, naquele dia que você estava lá em casa, que o Ó estava, eu conheci [percebi] só no olhar de vocês dois. Ivanilde, eu vou namorar com o Vidal.
- Ah, eu acho mesmo que ele não vai te querer.
- Ivanilde, eu não namoro com ele porque eu não quero.
- Ah, eu acredito mesmo. Ivanéti, você disse que o Ó gosta de você, mas eu acho que não porque se ele

Histórias da Ivanilde...

gostasse ele não namorava com outra, ficava só com você.

- Ah, Ivanilde, ele me prometeu que gosta e eu acredito.

- Ivanéti, você é uma besta.

- Ah, não, Ivanilde, besta come capim e eu não como.

- É quase 10 horas da noite, vamos dormir senão amanhã vamos dormir até oito horas do dia.

E dizendo isso já fui fechando o gravador e apagando a luz e dizendo:

- Boa noite, Ivanéti.

- Boa noite, Ivanilde, desculpe a brincadeira.

- Pois não, Ivanéti.

A disputa pelos olhares dos rapazes não parece comprometer a amizade entre elas, e é bom que se esclareça que "besta", no seringal, é uma forma comum de chamar outra pessoa de forma jocosa. Contudo, entre moças, é provável que disputas amorosas melindrem amizades, como na narrativa a seguir, em que as personagens foram por Ivanilde protegidas pelo anonimato dos nomes falsos. De toda forma, Ivanéti foi sempre uma das melhores amigas de Ivanilde, até que vieram a separar-se, em setembro de 1995.

Ana e Rita não se gostam, quando elas se encontram, começam a teimar. Ana diz "Rita, você não namora com meu namorado", Rita diz "deixa de ser besta, Ana, que a noite passada eu namorei com o Ricardo". "Mas, Rita, para que tu fez isso?", e Ana se põe a chorar. Rita diz "Ana, eu estava brincando". Rita diz "Ana, fique aí que eu vou ali", "então vá", e Rita chega e passa com o namorado da Ana. Mas

Ana fica com uma raiva que falta explodir! (janeiro, 1995)

No dia 6 de setembro, vemos nossa jovem amiga e escritora em uma aventura amorosa de maiores conseqüências.⁴

Ivanilde fugiu com seu primo que veio passear na sua casa, o Ivo, filho do Raimundo Caboré. Foi a primeira vez que ele veio passear na casa de Ivanilde, mas Ivanilde já tinha ido passear na casa dele. Ivanilde fugiu às 11 horas da noite para a casa do seu tio Bibom, com uma hora de viagem [a pé]. Ivanilde era nas duas vezes que cismava com este rapaz Ivo, e fugiu com ele. Ivanilde saiu que seus pais nem viram, ela abriu duas portas e eles não deram fé de nada, estavam num sono bom.

A "fuga" é um "roubo" consentido: a moça foge com o rapaz, ou ele a rouba (ou "carrega") numa combinação prévia e mutuamente acertada. Este é um expediente muito antigo e também muito usado. É uma alternativa ao ritual do casamento, seja porque os pais, da moça em geral, não consentiriam seja porque a cerimônia do casamento levaria algum tempo para se concretizar, como o de esperar a "desobriga", quando o padre comparece para realizar batizados e casamentos, ou a compra do enxoval (panela, pratos, colheres, por exemplo) por parte do noivo, conforme o costume local.

A fuga precipita a iniciação sexual. É, em geral, a primeira noite do casal juntos. É nela que a moça passa a

⁴ Deve ser esclarecido que desde setembro de 1994, quando Ivanilde começou a escrever seus diários, ela tem oscilado entre narrativas na primeira e terceira pessoa, às vezes combinando ambas. Tão sugestivo aspecto, entretanto, não foi neste artigo explorado.

Histórias da Ivanilde...

mulher, e o rapaz toma-se homem. Há, contudo, casos, poucos, em que o rapaz pode chegar a abandonar a moça, ou mesmo devolvê-la à família, situações mal vistas, embora sempre mais desfavoráveis para o sexo feminino.

No dia da fuga, o jovem casal Ivanilde e Ivo refugiou-se na casa de um parente próximo, e foi lá que Zé de Luna e Cecília encontraram a filha no dia seguinte. Assim relata Ivanilde, já a caminho da Seringueirinha, no alto rio Bagé, onde foi morar com seu companheiro.

Hoje Ivanilde e Ivo estavam lá no Bibom quando chegaram os pais de Ivanilde. Seu pai ia mariscar e sua mãe tinha vindo ao seu encontro. Quando Zé de Luna chegou, disse "Ivanilde, você fugiu por que, hem?". Ivanilde não dizia nada para seu pai. Seu pai repetiu o dizer: "O que era que estava faltando para você? Eu acho que não era nada, se tivesse é porque ninguém é rico". Mas seu pai disse "é isso mesmo fugiu, está sem jeito", mas sua mãe não dizia nada com sua filha. Então seu pai foi conversar com o Ivo e se despediu de sua filha Ivanilde e foi mariscar, e Ivanilde foi embora mais sua mãe. Sua tia Tanga e sua avó Mundoca acompanharam Ivanilde até a casa do Zé de Luna. Ivanilde trouxe tudo que era seu, só ficou o gravador porque ela não quis trazer, deixou para suas irmãs escutarem música. Na saída de Ivanilde, chorou sua mãe e sua avó e quatro tias dela, e suas primas, suas irmãs, seus tios, e aqueles que choraram gostavam muito de Ivanilde, e não teve um que não ficou triste com sua ida. Ivanilde só fez muita tristeza para seu povo.

A pergunta inicial de Zé de Luna pode ser a nossa também: por que Ivanilde fugiu com Ivo, um primo que ela conhecia tão pouco e sobre o qual não encontramos em seus diários nenhuma referência até o dia 6 de setembro de 1995? Ela afirma que "cismou" com ele, e podemos pensar que isto significa que ele a atraía de alguma maneira. Não há em seus escritos nada que indique uma paixão por Ivo. Nas nossas conversas, nunca consegui entender direito aquela sua opção. Gostaria, porém, de, nos limites deste artigo, fazer algumas especulações.

Ivo não era uma pessoa desconhecida, era antes parte da família, neto de dona Nazaré, a promotora da festa para São Francisco, de quem já falamos. Uniões entre primos são comuns, e são um dos fatores que reforçam a presença de grandes famílias extensas nos seringais. No rio Bagé, por exemplo, vamos encontrar outros irmãos de dona Nazaré e seus familiares da foz às cabeceiras, fazendo deste afluente do Tejo uma área de influência deste grupo de parentesco. Neste sentido, a união de Ivanilde e Ivo pode ser pensada dentro de um padrão matrimonial local.

Por outro lado, conforme já foi dito, fugir com um rapaz é algo bastante comum na trajetória das moças do lugar. É como se fosse um caminho "natural", embora não inevitável. A grande maioria das moças, a partir deste evento, começa a gerir uma casa e, com o tempo, uma família. Mas uma pergunta permanece: se Ivanilde tinha tantos planos para sua vida, conforme vimos na seção anterior, teria ela aberto mão de suas esperanças?

Neste sentido, e sendo sabedora dos desdobramentos deste casamento (ver à frente), gostaria de dividir uma impressão que me ficou desta passagem em sua vida. Acho que podemos entender também sua fuga como uma saída de casa, ou melhor, uma iniciativa, com os instrumentos então disponíveis,

Histórias da Ivanilde...

de buscar maior liberdade e autodeterminação. Tomando seus escritos como uma fonte de acesso à sua intimidade, vimos na seção anterior que ela sentia-se impedida de realizar o que sentia como uma vocação. Será que, mesmo inconscientemente, sua vontade de construir para si uma outra trajetória não estava mais viva do que nunca?

Mas Ivanilde teve que assumir as conseqüências afetivas do que fez, como a tristeza de ver seus entes mais próximos chorando na sua despedida. Nunca pude evitar de me comover com a força amorosa que a família tem para os que vivem no interior dos seringais.

Eu hoje estou pensando em casa no meu pessoal, nos meus amigos e penso bastante nas minhas irmãs e nos meus pais e também na minha amiga Ivanéti. Eu quando fui me despedir da minha amiga, ela começou a chorar com pena da minha amiga Ivanilde. Agora Ivanilde está muito longe do seringal Machadinho. Hoje Ivanilde está muito tristonha porque se encontra distante de todo o seu povo, onde nasceu e se criou perto desse seu povo para hoje estar morando numa lonjura dessas.

A este texto, escrito logo que ela chegou na Seringueirinha, vem a somar-se outros nos quais ela vai levando cada vez mais longe sua saudade, se arrependendo do que fez e às vezes parecendo estar interiormente desesperada. Do Machadinho, recordará apenas as coisas boas: a família, amizades e atividades que lhe davam prazer.

Hoje eu me sinto tão triste do que fiz, vivo tão arrependida de ter fugido, tão bom que era no Machadinho: agora vivo distante de lá. Eu fui lavar

roupa e comecei a chorar com desgosto da minha vida, eu não devia ter feito uma coisa dessa. Eu vivo tão tristonha, quase que eu não lavo roupa pensando que meu trabalho vai ficar mais difícil (...). Eu penso "nossa, sei que eu vou chorar tanto na minha vida", todos os dias eu vou pensando mais no que aconteceu.

Hoje à noite eu não quis jantar, muito pensativa: "meu Deus, como eu tive uma sorte dessa? Viver distante do meu pessoal e amiga que moram lá no Machadinho". Eu não devia ter feito uma coisa dessa, sei mesmo que minha mãe chora muito ainda. Meu tio Irineu vai ficar sentindo muita falta de mim, eu era ajudante de novela dele, ele escreveu para mim e que ficou quase sem condições de trabalhar na novela⁵. Quando eu recebi a carta dele chorei bastante, guardei a carta, fui para a janela da casa do tio Caboré e comecei a chorar, chorei bastante.

Distante de sua família, irmãs e melhor amiga, imersa em tristeza, não deixa de ser bonito ver como seus diários vão se tomando interlocutores e confidentes, aliviando-lhe a alma e o coração. Chama atenção o tom confessional que seus escritos adquirem nesta época de crise, inclusive com referências ao livre arbítrio e aos desígnios de Deus. Ivanilde, socializada numa sociedade quase sem a cultura da escrita, descobre ela própria, no papel, um canal de diálogo interno. Assim escreveu logo após a festa de São Francisco promovida por dona Nazaré, quando sua mãe retomou ao Machadinho.

⁵ Trata-se de uma iniciativa de Irineu, tio de Ivanilde, de redigir, ensaiar e gravar em fitas K7 peças teatrais curtas com seus amigos e vizinhos do Machadinho.

Histórias da Ivanilde...

Ivanilde foi lavar roupa e sentiu Saldade
de seus pés e foi chana.



Minha mãe foi embora dia seis de outubro da casa da vovó, e eu fiquei tão triste que só eu posso saber. E quando estou tristonha pego em um livro, vou ler ou pego o caderno e uma caneta e vou escrever. Aí vai passando mais a tristeza até que vou ficando mais alegre. Mas nunca consigo ficar alegre porque vivo distante do meu povo.

Hoje estou mais alegre um pouco, mas sei que ainda vou chorar porque tenho um costume de chorar todas as noites. Agora lembrei de um dia que eu fui passear lá no Ezequiel, eu escutei umas músicas e fiquei logo triste, lembrei da minha casa, deu logo vontade de chorar. Mas sempre penso que não foi minha sorte, eu fiz uma sorte dessa porque eu quiz, penso mesmo que não tem uma sorte dessa para nenhum filho de Deus, porque Deus é poderoso. Quem faz a sorte é a gente mesmo, penso eu que é.

Sua mudança para o centro Ipiranga, com Ivo e mais um jovem casal, instaurou para ela um novo tempo e lugar. Não só nunca havia morado num centro, como agora era, junto com Sueli, a outra jovem mulher da casa, responsável pela condução dos trabalhos domésticos. Seus escritos nesse final de 1995 combinam saudades e reflexões mais existenciais com o registro de sua vida cotidiana no centro Ipiranga: as saídas diárias de Ivo e Manuel para cortar seringa e caçar, o plantio de arroz e de um canteiro de verduras, consultas ao rezador Joaquim Cunha quando Sueli adoeceu, os vizinhos e os passeios de domingos, o medo de onça e de estar só em casa. Novamente Ivanilde convida-nos ao universo da colocação em que vive.

É um convite sedutor, porém, considerando como minimamente cumpridos os propósitos deste artigo, é chegada a

Histórias da Ivanilde...

hora de nos despedirmos de Ivanilde. Neste momento, não há como fugir da autoridade de minha autoria.

A sorte de cada um

Para finalizar este breve, singular - pois trata-se de uma apropriação particular - e espero que não último encontro com Ivanilde e seus escritos, gostaria de contar rapidamente os caminhos trilhados por ela desde então.

Em janeiro de 1996, durante uma semana, tivemos a oportunidade de estar juntas num treinamento interdisciplinar realizado para os moradores-monitores da Reserva⁶. Ela veio ao nosso encontro acompanhada de seu tio, e também monitor, Raimundo Caboré e de seu companheiro Ivo. Ao nos despedirmos, ficou em mim a certeza que Ivanilde em breve daria novos rumos a sua vida: ela não estava feliz. Em julho daquele mesmo ano voltei à Reserva com o professor Mauro Almeida, e juntos estivemos com Ivanilde ainda em Cruzeiro do Sul, para onde ela havia se mudado após desfazer sua união com Ivo. Na cidade, estava trabalhando em uma casa de família e estudando. Estava indecisa sobre a pertinência de continuar escrevendo suas histórias, e a estimulamos a não interrompê-las.

Em janeiro de 1997 voltei à Reserva, e encontrei Ivanilde numa situação que pareceu-me de instabilidade. Ela estava na foz do rio Tejo, indecisa entre voltar a morar na casa de seus pais, ou ir novamente para a cidade. Aconselhei-a a retornar à sua casa. Soube depois que assim ela procedeu, mas ficou lá por pouco tempo. Aquela sua andança rio acima e rio abaixo preocupava-me: qual seria o destino desta mocinha? Não havia

⁶ Deste treinamento de uma semana participaram antropólogos - o professor Mauro W. B. de Almeida (Unicamp) e eu mesma, o saudoso professor e biólogo Adão Cardoso (Unicamp) e Henrique Roig (então na Unicamp, hoje na UVERJ), geólogo com especialização em cartografia e sensoramento remoto.

como negar, Ivanilde conquistara a liberdade de ir e vir, e assumia os riscos de estar vivendo no mundo fora do alcance dos olhares, e proteção, de seus pais.

No mês seguinte, por intermédio de uma equipe nossa que esteve na Reserva para novos treinamentos aos monitores, soube que Ivanilde realizou seus planos de uma nova mudança, indo morar próximo a Cruzeiro do Sul, no município de Rodrigues Alves. Finalmente, no último dia cinco de junho, quando terminava este artigo, por uma sorte do destino Ivanilde telefonou-me dando notícias suas. Está, de fato, morando em Rodrigues Alves, trabalhando na casa de um cabo da polícia e sua família. À noite, estuda. Pareceu-me satisfeita. Está enamorada, com planos de casar-se no final do ano, e seu namorado está ansioso para ler o trabalho que eu e ela estamos escrevendo juntas.

Ivanilde continua a escrever suas histórias de vida. Pensando sobre a sorte de que ela nos fala - voluntária mas também atribuída por Deus - , fiquei imaginando um fio tensionado entre a impossibilidade de controle sobre a totalidade de nossos atos e suas conseqüências, e a sempre renovada construção, em meio à dúvidas e algumas certezas, de um sentido para a vida.

Glossário

Balseiro - Emaranhado de galhos e troncos que se forma quando uma ou mais árvores caem, na floresta ou no rio.

Batido de fígado e carne - Prato muito apreciado e em geral preparado tão logo o caçador chegue em casa com o animal abatido. É preparado a partir do fígado e pedaços de carne do veado ou porco do mato, que são transformados em pedaços bem pequeninos, quase moídos, sendo então temperados com sal e cebolinha, e refogados, quase fritos, no óleo.

Histórias da Ivanilde...

Caçar a curso - Caçar com espingarda no interior da mata sem o uso de cachorros para rastrear a caça. O próprio caçador deve ser capaz de reconhecer rastros e, a partir deles, localizar e abater o animal.

Campo - Área aberta nas imediações da casa e do terreiro destinada à criação de gado. Os rebanhos dos seringueiros, quando o possuem, restringem-se a poucos animais, que são criados com objetivos de reserva financeira ou alimentação (vacas leiteiras).

Centro - O centro define-se por oposição à margem, que está próxima de um rio ou igarapé maior. Por centro designam-se aquelas colocações que estão localizadas no interior da floresta, muitas vezes há várias horas de caminhada da margem.

Colocação - Unidade sócio-espacial onde vivem as famílias de seringueiros. Uma colocação compreende as casas dos residentes e uma área de intervenção humana e uso dos recursos naturais, como as estradas de seringa, as matas de caça e os roçados. Um conjunto de colocações formará um seringal.

Cortar seringa - Atividade extrativista na qual o seringueiro percorre as estradas de seringa extraíndo artesanalmente o látex das seringueiras. O extrativismo da borracha conheceu seu *boom* no início deste século, quando levas significativas de trabalhadores do Nordeste brasileiro foram incentivados a migrar para os seringais nativos da Amazônia. A borracha produzida na região chegou a ser o principal produto de exportação do Brasil, sendo posteriormente desbancada pela produção dos seringais de cultivo (plantados) da Malásia.

Em passo de seringueiro - Andar ligeiro na mata.

Entirnada - Diz-se das panelas que ficam sujas com a fuligem produzida pelo fogão à lenha.

Estrada de seringa - Unidade de exploração extrativista tradicional que se apresenta como uma longa e larga trilha dentro da floresta, cuja trajetória é dada pela disposição natural das seringueiras. Uma estrada de seringa será percorrida pelo seringueiro uma média de duas vezes por semana.

Farinhada - Ato de fazer farinha de mandioca. Esta atividade, realizada na casa de farinha, tem a duração média de dois dias e envolve todo o grupo doméstico. No primeiro dia, as mandiocas, ou batatas, serão arrancadas da terra, descascadas, lavadas e sevadas (trituras) para transformar-se na massa. Esta será então colocada na prensa para, durante toda a noite, escorrer a água. No dia seguinte, a massa, já seca, é retirada da prensa, peneirada e torrada na chapa de fomo.

Fato - Vísceras dos animais da mata e de criação, ou ainda de peixes, que devem ser retiradas tão logo ele seja abatido.

Fechar o corte - No corte de seringa, a estrada será percorrida duas vezes: uma primeira quando as árvores são cortadas e uma pequena tigela é nelas embutida para aparar o látex, e uma segunda vez, algumas horas depois, para recolhê-lo. O fecho do corte é o local onde o seringueiro descansa, e se alimenta, entre as duas caminhadas obrigatórias na estrada.

Frasco de leite - Um frasco de leite é uma medida de seringueiro, e corresponde a cerca de dois litros de leite, isto é, de látex.

Garapa - Caldo de cana.

Macaxeira - Mandioca, também conhecida localmente por "roça". A macaxeira é um plantio obrigatório, e a farinha dela feita é uma das bases da alimentação do seringueiro.

Mercadorias - Artigos industrializados consumidos no seringal e comprados à troca de borracha, animais de criação ou produtos

Histórias da Ivanilde...

agrícolas. Em Cruzeiro do Sul, o seringueiro poderá vender sua produção no porto da cidade e ir ele mesmo aos estabelecimentos comerciais fazer as compras que considera necessárias.

Pau - Árvore, tronco de árvore.

Paxiúba - Palmeira com alta incidência na região cuja parte externa do tronco é utilizada na construção das casas. A paxiúba é usada preferencialmente nas paredes, sendo o paxiubão, mais resistente, usado para assoalhar a casa.

Pelar arroz - Tirar a casca dos grãos de arroz usando um pilão.

Quebra-jejum - Primeira refeição do dia, que em geral conta com carne, farinha e frutas. O café, muito apreciado no seringal, é preparado tão logo a vida na casa comece, o que acontece ainda de madrugada ou ao amanhecer. O quebra-jejum será servido um pouco mais tarde.

Reserva Extrativista - Proposta de "reforma agrária" lançada em 1985 pelo Conselho Nacional dos Seringueiros. A especificidade da proposta está em conciliar uma política de regularização do acesso à terra com formas tradicionais de uso dos recursos naturais e ocupação do território. As Reservas Extrativistas, por exemplo, não prevêm o sistema de lotes, sendo a unidade mínima as colocações tradicionais, estando a propriedade total da área nas mãos da União, que pela Concessão Real de Uso estabelece parcerias com a associação local para a co-gestão da área. Outra inovação da proposta foi a defesa de que a presença de agrupamentos humanos não é incompatível com objetivos de conservação dos recursos naturais. A Reserva Extrativista do Alto Juruá foi a primeira criada no Brasil, em 23 de janeiro de 1990.

Roça - Além de um nome local para macaxeira, roça pode significar também a própria área de seu plantio, o roçado de roça.

Roçado - Fruto da intervenção do seringueiro na floresta com o objetivo de cultivar produtos agrícolas para sua alimentação. Os roçados poderão ser nominados de acordo com os cultígenos que estejam neles plantados (roçado de feijão, roçado de arroz), ou pela antigüidade (roçado do ano passado, roçado velho, roçado novo). Os roçados, além de alimentarem a família, podem ter um destino comercial, como os de feijão e tabaco, ou especificamente para alimentar as criações (milho e macaxeira).

Sacupemba - Nome local para designar grandes raízes tabulares que cercam o tronco de grandes árvores, como a Samaúma, formando abrigos, também conhecidos como "salões".

Seringueiro(a) - Termo comumente empregado para designar o(a) trabalhador(a) extrativista que tem na atividade artesanal de extração do látex sua principal fonte de renda. Contudo, seringueiro(a) é também uma categoria de identidade para aqueles que vivem em florestas da região amazônica com incidência da *Hévea brasiliensis*, a seringueira.

Terçado - Facão muito utilizado no seringal para limpar os roçados, as trilhas e caminhos, e mesmo matar paca na beira de rio.

Terreiro - Espaço aberto em volta da casa que demarca uma área de influência doméstica, em geral de atividade infantil e feminina. No terreiro estarão as criações de menos porte, árvores

fruteiras, varais para roupa molhada e a brincadeira das crianças.

Tratar a carne - Ato de tirar o feto, cortar e salgar a carne de animais da mata, do terreiro ou de peixes.

IVANILDE'S STORIES AT UPPER JURUÁ RIVER

Abstract

The article intends to be a dialogical narrative involving a young rubber-tapper, Ivanilde, resident of the Upper Juruá Extractive Reserve, and the author, an anthropologist. The material from which the text is constructed are the diaries written by Ivanilde since 1994. The author explores dialogues in two ways: first, Ivanilde's diaries are considered as a way of access to social life in the Upper Juruá River's forests. Then, the attention is drawn to intimate statements which reveal circumstances, emotions and interpretations through which Ivanilde gives meaning to her life.